

A LENDA DAS AMAZONAS NO BRASIL COLONIAL: O DISCURSO CONQUISTADOR E MASCULINO DO EUROPEU

Eduardo Vieira Gervásio - UFG

Um aspecto inseparável do chamado Paraíso Terreal é a presença ou mesmo a representação de uma fauna antropomórfica. Trata-se da concepção engendrada por poetas, historiadores, geógrafos e cartógrafos da Idade Média de que seria provável ou mesmo evidente a existência de raças humanas monstruosas nas cercanias do Paraíso Terreal, pois nesse local existiria uma natureza primordial e repleta da totalidade da criação divina, sendo que, se as chamadas raças monstruosas existissem, é ali que elas deveriam estar.

Nesse sentido, seres monstruosos como os cinocéfalos (homens sem cabeças e com os olhos nos ombros e a boca no estomago), homens caudatos, sereias e amazonas (tribo formada somente de mulheres guerreiras), são as mais conhecidas representações das raças monstruosas paradisíacas. No dizer de Sérgio Buarque de Holanda, ao falar sobre a América como Paraíso Terreal, seria inconcebível em qualquer representação medieval do Éden a ausência dessas raças monstruosas (HOLANDA, 1993, p. 17).

Na ordem dessas ideias, a proposta deste trabalho é identificar a presença da raça monstruosa de mulheres guerreiras, conhecida como amazonas, presentes em um dos cronistas que habitou o Brasil no tempo da conquista e da colonização, a saber, o frei católico francês André Thévet em sua narrativa intitulada *As singularidades da França Antártica* de 1557.

É importante lembrar que essa fauna monstruosa e antropomórfica, largamente comentada e relatada por Plínio, o Velho, foi difundida no ocidente por este viajante romano que, em suas viagens a terras longínquas, diz ter visto grande parte desses seres monstruosos. Santo Isidoro de Sevilha, o qual acreditava seriamente na existência dessas raças monstruosas, trata desses seres no terceiro capítulo do livro sexto de suas *Etimologias*, distinguindo-os em quatro tipos diferentes: os portentos, os ostentos, os monstros e os prodígios. O sábio de Sevilha combate veementemente a opinião daqueles que os imaginam seres criados contra as leis da Natureza, afirmando que eles são criados pela vontade do Criador, assim como os demais seres vivos (SEVILLA, 1983).

Santo Agostinho é outro defensor da “humanidade” desses seres monstruosos. Ao comentar sobre os cinocéfalos, amazonas, pigmeus e outros seres humanos monstruosos ele diz que esses são, assim como os humanos em geral, criaturas criadas por Deus e, portanto, também são filhos de Adão, por mais rara e estranha que pareça sua forma, cor, movimento, voz ou qualquer outra virtude. Santo Agostinho insiste no fato de que a diversidade entre eles e o restante da humanidade é apenas de aparência, e não de essência, pois todos devem ser concebidos como originários de Deus, cujas obras ninguém pode censurar.

O filósofo cristão comenta, ainda, que “não nos deve parecer absurdo que, havendo nas raças individuais partos monstruosos – como crianças de quatro dedos e não cinco – assim também na raça total haja raças monstruosas” (AGOSTINHO, 1990, p. 230).

Faz-se necessária uma ressalva acerca da palavra *monstro*. A acepção do termo adotada neste estudo é aquela concebida pela Idade Média sobre a capacidade de revelação que alguns animais portentosos possuem acerca das secretas vontades e mistérios divinos.

A denominação medievalizada *monstros* (do latim, *mostrare*), indicada por Santo Agostinho – e seguida de perto por Santo Isidoro de Sevilha nas suas *Etimologias* –, leva ao entendimento de que tais monstros mostram algo, significando-o. Portanto, nesse sentido, o animal monstruoso não transportava nenhum sentido negativo.

Tratando especificamente das Amazonas, o cronista francês André Thévet trata dessa tribo de mulheres guerreiras, talvez a raça monstruosa mais conhecida e referida na poesia e na historiografia mundial. Thévet dedica um capítulo inteiro a elas, ressaltando que se trata de uma tribo constituída apenas de mulheres guerreiras. O autor inicia o assunto fazendo considerações sobre as diversas especulações acerca da etimologia do nome “amazonas”:

Há diversas opiniões acerca da origem do nome das amazonas. A mais comum é a que atribui esta denominação ao fato de que essas guerreiras queimavam seus seios na juventude, assim o fazendo para se tornarem mais destros nos combates. [...] Já outros dão a etimologia da palavra como sendo constituída da partícula *a*, negativa, e de *maza*, que significa “pão”, pois elas não comiam pão, e sim outros alimentos. Esta hipótese não é

menos absurda que a precedente, pois nesse caso diversos povos da época das amazonas deveriam ter esta mesma denominação, visto que também não comiam pão. [...] Há ainda os que dão a palavra como proveniente de *a* (negação) e *mazos*, o que lhe daria a seguinte significação: “aquelas que não se nutrem do leite dos peitos”. Esta explicação, defendida por Filostrato, é mais aceitável. Também o é uma outra que da a palavra como derivada do nome ou de uma ninfa chamada Amazônida, ou de uma certa Amazona que teria sido rainha de Éfeso e sacerdotisa de Diana. Considero estas últimas hipóteses mais razoáveis que a da cauterização dos seios. Discorde quem quiser (THÉVET, 1979, p. 206-7)

Assim, as amazonas são conhecidas de várias culturas, desde as troianas até as amazonas americanas, as quais o autor considera como uma tribo descendente daquela que, na fuga de Tróia, quando foram socorrer os troianos, vieram se instalar nos confins do Mundo. Elas são guerreiras criadas desde a infância para guerrear com arco e flechas, suas únicas armas, possuem apenas um dos seios, pois retiram o outro para guerrear mais facilmente (THÉVET, 1978, p. 206-8). Elas são, enfim, o símbolo da resistência feminina em meio ao poder falocêntrico do europeu conquistador e invasor.

Como ficou dito, o mito das Amazonas tem suas raízes na Antiguidade Clássica. O romano Plínio foi pioneiro na divulgação da suposta existência das mulheres guerreiras. Contudo, a lenda antecede a cultura clássica greco-romana. Há referências dessas mulheres guerreiras que viviam às margens do Mar Negro (Cítia).

André Thévet conta a história do surgimento das amazonas da Cítia, dizendo que os homens da tribo cita, dos tártaros, quando conquistaram a maior parte da Ásia, demoraram tanto tempo nesta expedição que suas mulheres solicitaram a volta desses guerreiros para a casa. Como isso não se deu, elas ameaçaram seus homens com a promessa de contraírem novas alianças com povos vizinhos para que a linhagem dos cita não corresse risco de desaparecer.

Os guerreiros cita, no entanto, não atenderam ao apelo das mulheres, mas estas, também, não cumpriram a ameaça. Thévet relata que elas deliberaram armar-se e exercitar-se na arte da guerra. Assim, sob as ordens de suas rainhas Lampedo e Martésia elas não só defenderam o território dos inimigos, como ainda conquistaram vastas e excelentes terras, estendendo seus domínios até o Mar Negro, construindo castelos e fortalezas. E, para garantirem sua descendência, adotaram a seguinte prática: elas se relacionavam, mas não se uniam com tribos vizinhos e, quando nascia um filho homem, elas o matavam; ao passo que, quando nascia mulher, elas as criam e as ensinavam a guerrear.

André Thévet descreve alguns tipos de amazonas semelhantes em tudo, cujo diferencial seria os lugares onde habitavam:

Contam-nos os livros de História que havia três tipos distintos de amazonas, absolutamente idênticas em tudo, salvo quanto aos lugares onde moravam e ao tipo de habitação que usavam. As mais antigas eram as da África, destacando-se entre elas as górgones, cuja rainha foi Medusa. As outras amazonas viviam na Cítia, nas proximidades do Rio Tanais. Foram estas que mais tarde reinaram sobre a parte de Ásia que fica perto do rio Termodonte. E a quarta tribo é a das amazonas americanas, que ora estamos descrevendo. (THÉVET, 1978, p. 206).

Elas representam a alteridade feminina, um poder malévolo e selvagem contra o qual os europeus colonizadores do Novo Mundo querem justificar e legitimar a suposta superioridade masculina e civilizadora. Elas são a metáfora da selvageria e da virgindade do Novo Mundo, algo que sempre fascinou os exploradores. Segundo Simone de Beauvoir, a relação entre as amazonas e o europeu conquistador reproduz uma luta, um jogo entre os sexos, na qual o homem tem o prazer de participar e até deixar-se esmorecer, contudo, ele tem a certeza de dominá-la no final (BEAUVOIR, 1980, p. 229).

Segundo a historiadora Maria Izilda Santos de Matos, ao comentar sobre a misoginia dos portugueses e dos espanhóis, há uma necessidade histórica do europeu, principalmente na Península Ibérica, de subjugar e dominar o elemento feminino com o pretexto de manter a ordem social:

Encontra-se certa unanimidade na aceitação da transposição para o Novo Mundo de uma configuração cultural ibérica. Onde estava difundida a imagem da inferioridade intelectual feminina e uma busca nos modelos clássicos gregos e romanos como exemplos e estereótipos de virtuosas virgens e matronas. Assim, já que os homens eram levados a acreditar na inferioridade das mulheres e a idealizar certos padrões de comportamento ibéricos, que reação poderia deles esperar quando encontraram as índias? (MATOS, 1998, p.1049)

Nesse ponto, no contexto da colonização, a mulher indígena, principalmente um grupo unido contra os homens, torna-se um elemento a ser combatido. Aos olhos dos viajantes, a presença da mulher nas atividades da economia tribal causava espanto, estranheza e também atração, visto que elas representavam uma inversão na imagem feminina europeia, que apregoava a mulher voltada para a procriação e criação dos filhos, e portanto, inapta a tomar parte em atividades ligadas com a morte, como a guerra e a caça, ou com o governo.

Outro fato que está relacionado à destruição das amazonas americanas, por parte dos europeus, é a tradição que as representa como guardiãs dos tesouros de Eldorado. Eldorado era um príncipe que se cobria de fino ouro em pó. Manoa, capital deste reino, cheia de palácios, alguns construídos de pedras preciosas e com os tetos folheados de ouro, era guardada por mulheres brancas, altas e guerreiras, ou seja, as amazonas. Havia, próximo à Manoa, uma serra de cor amarelada que despejava ao rio pedras da mesma cor, ou seja, ouro.

O mito trata de uma paisagem hidrográfica e mágica do Novo Mundo, uma imensa lagoa fabulosamente rica, a qual despertou a cobiça de grande número de pessoas que vieram ao novo continente com o intuito de enriquecer. Assim, destruir as amazonas torna-se imprescindível na conquista das riquezas materiais do Novo Mundo.

Ainda de acordo com Melo (1998), a destruição das amazonas também está ligada à destruição do regime matriarcal presente em certas narrativas míticas, pois não há evidências históricas do governo feminino, mas a questão aqui colocada é outra: a da importância da mitologia do matriarcado. Portanto, não se trata de saber se as mulheres mantinham ou não posições de importância política em algum momento e lugar da história, ou mesmo se usavam armas ou lutavam em batalhas, como as amazonas supostamente haviam feito. Importa antes o fato de existirem e se reproduzirem mitos afirmando que as mulheres fizeram isso e depois deixaram de fazê-lo.

O *status* mitológico dos matriarcados relataria um fragmento de uma experiência coletiva que necessariamente existe fora do tempo e lugar determinados. Assim:

O mito das Amazonas representaria a época em que o matriarcado reinou na humanidade. Seu declínio, nessa interpretação, pode estar vinculado ao destronamento da divindade suprema feminina e à substituição de um governo de mulheres. O mito também é identificado com a transição do matriarcado para o patriarcado, já que as Amazonas sempre eram vencidas e acabavam domadas. (MATOS, 1998, p.1055)

Um exemplo desse regime matriarcal ao qual a autora se refere, no caso brasileiro, seria o mito amazônico do Jurupari. O mito narra uma era caótica, onde as mulheres supostamente governavam a terra sem justiça nem piedade, mantendo os homens sob medo e submissão. Jurupari é o arquétipo do “herói libertador”, pois ele destrói esse regime matriarcal, ensinando que a presença da mulher na administração da vida social e nos rituais sagrados não devia ser permitida. Assim, Jurupari lutou contra as mulheres e as venceu, estabelecendo novas formas de comportamento social e sexual.

Sobre essa constante derrota das amazonas no confronto como elemento masculino, também comentada por Melo, André Thevet relata um encontro das amazonas com os viajantes com os quais ele percorreu o rio Amazonas. Comenta o autor que, ao se afastarem das margens do rio, eles dispararam vários tiros contra elas, e diz, ainda, que aquelas não conseguiram fugir sem que algumas escapassem da morte.

Nesse sentido, no contexto da colonização, o extermínio das amazonas é necessário e almejado, pois tal poder feminino poderia por em risco a ordem patriarcal do europeu colonizador. Trata-se de livrar-se do

elemento maligno, ou mesmo de salvar a alma indígena desse elemento de influência. Assim, na campanha de destruição do outro e ocupação de seu território, o europeu, valendo-se de uma pretensa superioridade civilizacional, pretendeu mesmo a destruição do indígena e de qualquer elemento – no caso o indígena feminino – que lhe impedisse de levar a cabo o projeto de conquista.

REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO, Santo. *A cidade de Deus: contra os pagãos*. 2 ed. Parte 2. Tradução de Oscar Paes Leme. Introdução de Emmanuel Carneiro Leão. Petrópolis : Vozes; São Paulo : Federação Agostiniana Brasileira, 1990, (Coleção Pensamento Humano).
- BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: fatos e mitos*. Tradução de Sergio Milliet. Rio de Janeiro : Editora Nova Fronteira, 1980.
- HOLANDA, Sergio Buarque de. *Visão do Paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*. 6 ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- MATOS, Maria Izilda Santos. Navegando pelo rio das Amazonas: imagens de gênero nas crônicas de viagem. *Actas do quinto congresso de lusitanistas*. vol. 2 nº 1. p.1045-1060, 1998.
- SEVILLA, Santo Isidoro de. *Etimologias*. Ed. Bilíngüe preparada por Jose Oroz Reta y Manoel Marcos Casquero, 2 vols, Madrid : Editorial Católica, Biblioteca de Autores Cristianos, 1983.
- THEVET, André. *As singularidades da França Antártica*. Tradução e notas de Sergio Milliet e Plínio Ayrosa. Belo Horizonte: Editora Itatiaia/São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1978.